



Os dois primeiros Encontros de Agricultura do Povo Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE: Materialização do Encantamento e Contraponto à Política de Distribuição de Sementes.

The first two agricultural meetings of the Xukuru do Ororubá people, Pesqueira - PE: Materialization of enchantment and a counterpoint to the seed distribution policy.

ARAUJO, André Luis de Oliveira¹; ORDONIO, Iran Neves²; SILVA, Luiz Carlos Martins³; GONÇALVES, Eduardo⁴

1. Universidade de Córdoba, andredearaujo@gmail.com; 2. Instituto Agrônômico de Pernambuco, iranxukuru@gmail.com; 3. Associação da Comunidade Indígena Xucuru, luizento@gmail.com; 4. Universidade Rural Federal de Pernambuco, eduardoxukuru@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo transmitir parte das expectativas, metodologias e resultados das duas primeiras edições do encontro de agricultura do povo Xukuru do Ororubá, situado no agreste do estado de Pernambuco. Entendemos que existem elementos suficientes para socializar essa experiência, correlacionando a dois principais aspectos: primeiro a ideia endógena de “materializar o encantamento” como substrato motivacional relevante para sustentar ideologicamente a iniciativa a longo prazo, e em segundo lugar, de que maneira se relacionar com linhas estatais de incentivo ao desenvolvimento rural, como é o caso dos programas de distribuição de sementes.

Palavras-Chave: ater indígena, agroecologia, conhecimento tradicional

Abstract: This article aims to convey part of the expectations, methodologies and results of the first two editions of the agricultural meetings of the Xukuru Ororubá people, located in the wild regions of the state of Pernambuco. We understand that there are sufficient grounds to socialize this experience, correlating to two main aspects: first to the endogenous idea of "materializing the enchantment" as a relevant motivational substrate to sustain the long-term initiative ideologically, and secondly, how to relate to State programs to encourage rural development, as is the case of the seed distribution programs.

Keywords: ATER indigenous, agroecology, traditional knowledge

Contexto

Nas décadas de 1980 e 1990, famílias Xukuru do Ororubá lutaram pela recuperação de seu território tradicional. Graças a um processo de reorganização social e muita mobilização, conseguiram reaver, enquanto povo, parte significativa de seu território ancestral, localizado na região agreste de Pernambuco.

A maioria das etapas necessárias para a homologação da Terra Indígena Xukuru, com área de 27.555 hectares estava concluída em 1998, sendo em 2001 efetivada, cabendo ao Estado a obrigação de desintrusar a área. Para acelerar esse processo, os Xukuru



realizavam ocupações de terras conhecidas por *retomadas*, que funcionavam como instrumento de luta direta, mas também como mecanismo de fortalecimento identitário. Ao mesmo tempo em que espacializavam de maneira substancial a luta pela terra, fortaleciam política e espiritualmente o coletivo, aglutinando as famílias entorno às suas origens.

Ao passo que as *retomadas* se estabilizavam, promovendo a permanência de mais famílias Xukuru nas localidades, e, à medida que as áreas são liberadas através do pagamento das indenizações aos ocupantes não-índios, a realidade Xukuru vai mudando de maneira significativa. Surge a oportunidade então de construir, a seu modo, uma nova vida. Uma maneira própria de “estar” na Serra do Ororubá.

Neste novo contexto, se destaca a mobilização interna para a pactuação de um Projeto de Vida, no qual se busca a autonomia e sustentabilidade. Segundo seus preceitos, o “Bem Viver” remete a uma profunda reflexão sobre que tipo de práticas serão adotadas para acesso e uso dos recursos naturais do território. As heranças provenientes do modelo que, visa padronizar a agricultura na busca de atender às demandas de mercado, envenena a terra e que dá base a um sistema agroalimentar extremamente concentrado e desigual, deverão ser combatidas cotidianamente.

Como resultado destas preocupações, desde o início dos anos 2000, vem se formando uma equipe de assistência técnica e extensão rural com vistas a apoiar as famílias para uma agricultura baseada em práticas coerentes com os princípios e valores do Povo Xukuru. O *Coletivo Jupago Kreká* tem promovido ações para incentivar a diversificação de alimentos, as práticas de base ecológica, a valorização do universo ancestral e o diálogo com mecanismos contemporâneos alternativos ao modelo concentrador. E entende que não existirá sustentabilidade no território sem que a “Agricultura Xukuru” seja entendida como princípio organizador para o Bem Viver, na medida em que promove o cultivar com respeito, proteção e zelo a Mãe Natureza.

Para se chegar a esses entendimentos uma das estratégias adotadas foi a realização dos encontros de agricultura. Resultado de várias discussões nas aldeias, com lideranças e com as demais organizações sociopolíticas do povo Xukuru, os encontros tiveram a expectativa de socializar saberes e experiências, sementes e materiais propagativos, assim como proporcionar um espaço de intercâmbio entre os próprios agricultores, parceiros e instituições, na perspectiva de promover a agricultura e vivenciar práticas fundamentadas nos princípios do *Limolaigo Toipe*.

Descrição da experiência

O presente artigo, portanto irá abordar o “*I Encontro de Agricultura e Feira de Troca de Sementes Tradicionais do Povo Xukuru do Ororubá*”, realizada na Aldeia Cana Brava no período de 14 e 15 de novembro de 2013, cujo tema provocador foi “*Agricultura Xukuru princípio do Bem Viver: Cultivando com respeito, proteção e zelo a Nossa Mãe Terra*”. E também o “*II Encontro Urubá Terra: Diálogos de Saberes e as Vozes do Ororubá: Resgatando a nossa Cultura e Protegendo a Mãe Natureza, nossas Sementes, nossa Resistência*”, que foi realizado no período de 27 a 28 de novembro de 2014, também na Aldeia Cana Brava, Terra Indígena Xukuru do Ororubá.



Dentro do ideário de fomentar processos de consolidação do projeto de vida Xukuru, podemos listar os seguintes objetivos almejados com os eventos: (1) Construir a ideia de “Agricultura Xukuru” enquanto “modo de vida” (2) Valorizar e promover a agricultura tradicional Xukuru; (2) Identificar e socializar os saberes e as práticas da Agricultura Xukuru; (3) Possibilitar a interação da Agricultura Xukuru com os setores da Saúde e Educação; (4) Sensibilizar produtores para a redução dos impactos ambientais no território; (5) Reconstruir estratégias de soberania alimentar e nutricional; (6) Promover espaços de troca de sementes e materiais propagativos.

O primeiro evento, realizado em 2013, contou com um número total de 487 participantes. O segundo evento, realizado em 2014, contou com um número total de 687 participantes, se destacando também pela interação com a comunidade escolar indígena que, durante o semestre, teve como tema aglutinador do projeto pedagógico a agricultura no território. Somados os dois eventos, estima-se que aproximadamente 150 pessoas tenham levado algum material para a troca. Eles ocorreram em novembro em coerência com o calendário local, período de seleção das sementes e preparação dos solos, estando próximo ao período das trovoadas, propício ao plantio da maioria das sementes.

Em relação à dinâmica de troca de sementes e materiais propagativos nos encontros, a organização optou por uma troca não direta. Isto é, não necessariamente se tratava de uma troca entre agricultores proprietários de cultivares que trocavam as variedades entre si. A estratégia adotada nos dois eventos foi de reunir todas as sementes e outros materiais trazidos em um único espaço, onde se sistematiza a entrada das variedades segundo o nome popular e a comunidade de origem. Esse material ficavam à mostra para que os participantes pudessem olhar, conhecer e conversar a respeito das sementes. No dia seguinte, em um determinado momento, o espaço ficava com livre acesso para que os interessados recolhessem as sementes que desejassem. Inclusive, aquelas pessoas que não tinham trazido nenhum material de sua aldeia, poderiam levar sementes para propagação. Na época, essa metodologia se justificava porque não se tinha exata ideia da dimensão dos bancos de sementes familiares, pesando também o fato de que é recente o assentamento definitivo de muitas famílias Xukuru; além disso, as consequências de uma longa estiagem ainda deixavam fortes marcas nos agroecossistemas.

O quadro abaixo mostra as variedades dos cultivares que puderam ser registrados no conjunto dos eventos. Vale destacar que estão com os nomes populares designados pelos agricultores “proprietários” que as trouxeram. Por isto, no futuro se pretende realizar uma análise mais detalhada, para distinguir as que realmente se diferenciam daquelas que são reconhecidas por diferentes nomes.

Quadro 1: Variedades por cultivar, somatória dos encontros de 2013 e 2014		
Fava	Café	Mandioca / Macaxeira
Número de variedades: 13	Número de variedades: 03	Número de variedades: 09
Toicinho Branca / Toicinho Preta / Branca / Roxa / Orelha de Velho / Eucalipto / Coquinho / Preta / Olho de Ovelha / Fava Feijão / Rajada / Cabucunçu Branco / Cabucunçu Marrom	Catuí Amarelo / Catuí Vermelho / Tradicional	Purnunça / Pai Antônio / Enrica Homem / Sete Manivas / Izabel Souza / Rosa / Rosinha do Sul / Manteiga / Boa Mesa
Feijão	Guandu	Sorgo
Número de variedades: 21	Número de variedades: 04	Número de variedades: 02
Fogo na Serra / Safra Nova / Baje	Preto / Rajado / Branco / Pardo	Forrageiro / Granífero



	Milho	Abóbora
Roxa / Rosinha / De Cacho / Gordo / Rim de Porco / Preto / Café / Branco / Carioca / Corujinha / De Corda Oncinha/ De Corda Pequeno / De Corda Sempre Verde / Listra / Mulatinho / Roxo Pintado/ De Boi / Pintadinha / Rajadinho /	Número de variedades: 06 Batité / Comum / Maranhão / Pipoca / Sabugo Branco / Sabugo Roxo	Número de variedades: 02 Caboclo / De Leite

Outro aspecto a ser destacado sobre os dois eventos foi a troca de conhecimentos e o diálogo de saberes. Para ir além das conversas informais entre os participantes, foram propostas diferentes atividades com esta finalidade, nas quais os(as) agricultores(as) teriam protagonismo nos espaços para conversarem sobre experiências ou temáticas. Neste sentido, foram trabalhadas mesas redondas na grande plenária, e salas temáticas e oficinas em grupos menores.

É possível distinguir alguns eixos condutores dessas atividades. Estes eixos vieram aprofundar o conceito de Agricultura Xukuru, modo de vida, através de debates sobre a relação com o sistema de cura e a espiritualidade, a culinária, a observação da natureza, as boas práticas nos agroecossistemas, e a organização sociopolítica Xukuru.

Neste contexto, havia aquelas atividades que propunham a socialização das experiências mais concretas de trabalho ou dos saberes tradicionais de uma ou mais pessoas, como por exemplo, aquelas que abordaram os defensivos alternativos para a lavoura, os tratamentos alternativos para animais, o feito do café de guandu, dentre outras. Por outro lado, também havia aquelas atividades que propunham o debate sobre experiências coletivas e atividades/metas do *Coletivo Jupago Kreká*, como por exemplo, a experiência da feira Xukuru de alimentos de base ecológica, as hortas pedagógicas, o coletivo alternativo Xukuru do Ororubá conhecido como *CAXO*, o *Batesacar Xenupre* – rede de sementes do povo Xukuru do Ororubá, dentre outras.

Para finalizar, vale destacar ainda, que a totalidade da alimentação do evento foi garantida pelos alimentos produzidos localmente. Alguns foram adquiridos dos produtores indígenas via Programa de Aquisição de Alimentos e outros, via doação direta dos comunitários ao evento.

Resultados

Para refletir sobre os resultados serão abordados dois aspectos importantes: primeiro, a ideia endógena de “Materializar o Encantamento” como substrato motivacional relevante para sustentar a iniciativa a longo prazo, e em segundo lugar, de que maneira se relacionar com as estratégias utilizadas pelo Estado para garantir a produção agrícola através da distribuição de sementes.

Ao longo dos últimos cinco anos, muitas transformações aconteceram na maneira de se pensar a extensão rural no território Xukuru. Um processo de autocrítica foi realizado em virtude de uma maior proximidade à espiritualidade Xukuru e aos encontros de autoformação, os quais possibilitaram observar com mais clareza, e sob as condições climáticas adversas, as contradições e falhas entre as práticas e programas promovidos e a ideia endógena de *Natureza Sagrada*.



Uma dessas contradições, tratava-se do apoio à implementação no território Xukuru do Programa de Distribuição de Sementes do governo do Estado. Neste programa o Estado de Pernambuco, segundo a demanda decidida nos Conselhos Municipais, distribuía sementes aos agricultores familiares e comunidades tradicionais através dos escritórios do Instituto de Pesquisas Agronômicas, responsável pela extensão rural estatal. Embora seja possível apontar situações particulares nas quais esse programa tenha contribuído com a estruturação das famílias, a adoção ininterrupta do programa, da maneira como ele é executado hoje, não incentivaria a autonomia dos produtores. Pelo programa eram distribuídos apenas o feijão-carioca, variedade pérola, e o milho catingueiro.

Por isto, desde 2012 o território indígena Xukuru optou por não mais receber as sementes do programa em larga escala, entendendo que com ele se estava ampliando a dependência do Estado para a produção; além disso, as sementes nem sempre eram adaptadas às condições edafoclimáticas locais e muitas vezes chegavam fora do período de plantio. Deste modo, para criar as condições propícias para o agricultor ter seu próprio conjunto de sementes adaptadas, iniciativas sobre estocagem, trocas e experimentações estão em marcha, e também estão sendo realizadas incursões a mercados e propriedades fora do território, em busca de mais variedades, algumas perdidas no território.

Assim, como resultado mais evidente, se pode dizer que se caminha para a transição de uma política pública com apoiadores internos que fazia circular no território apenas duas variedades de sementes, para uma política endógena com apoiadores externos, que pode fazer circular ao menos 60 variedades de cultivares.

A volta da circulação das sementes tradicionais, significa o retorno do circuito de conhecimento local associado a elas, uma vez que para cada uma, existe um conjunto de condições ambientais, métodos de tratamento, tipos de usos e preferências relacionadas.

Isso, em conjunto com os demais saberes dos(as) agricultores(as) referência – aqueles que em suas “ilhas de resistência” puderam continuar a prosseguir com a observação, interpretação e interação com a Natureza Sagrada – dão a dimensão de um dos principais objetivos do *Coletivo Jupago Kreka*, que é a materialização do encantamento. Algo que, nas palavras do Cacique Xicão, poderia ser sintetizado como o respeito do índio pela natureza. E que em outras palavras, poderia ser traduzido, como colocar na prática o mundo dos encantados, um mundo sobrenatural que rege, em diálogo com os vivos, o modo de vida do povo Xukuru.

Agradecimentos

A todos os agricultores que socializaram seus saberes e sementes, que doaram alimentos e que se engajaram para construir os encontros. Como não era possível citar o nome de todos neste pequeno texto, optamos por não fazer referências nominais específicas, e realizar essa referência no sentido de um agradecimento mais amplo.